

Duas portas, dois caminhos

‘Estreito’ e ‘largo’ referem-se, somente, à quantidade de pessoas que entram pelas portas e estão nos caminhos: poucos e muitos. Se Jesus declarou que o seu jugo é suave e o seu fardo leve, como é possível o ‘caminho estreito’ ser um estilo de vida de dificuldades? (Mt 11:30) Que vida difícil há em entrar por Cristo, a porta que concede salvação e excelentes pastagens? (Jo 10:9)

Duas portas, dois caminhos

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, poucos há que a encontram” (Mt 7:13-14).

O Pr. Silas Malafaia fez um comentário à parábola dos Dois Caminhos em um livreto intitulado ‘*Dois caminhos e uma escolha*’ e, diante da explicação apresentada, não pude me furtar de tecer este comentário.

O Pr. Malafaia afirma, no seu livreto, que os ‘Dois Caminhos’ que Jesus apresentou aos seus ouvintes, no final do Sermão da Montanha, referem-se a dois estilos[1] de vida, rotulando o caminho largo de uma vida de facilidades e o caminho estreito, por sua vez, de uma vida de dificuldades. Ele, também, afirma que cada ser humano entrará por uma dessas duas portas e encontrará seu destino: perdição ou, salvação, como resultado de uma escolha que todos os homens fazem.

“O Senhor Jesus Cristo lançou mão de uma linguagem simbólica para nos falar sobre dois estilos de vida que marcam a trajetória de todo o ser humano: o da porta larga e o da porta estreita. Cada um de nós entrará por uma

dessas portas e encontrará seu destino: ou a perdição, ou a salvação (...) Além de mostrar essas duas opções, Jesus também revelou o resultado final para quem preferiu seguir uma vida de facilidades, no mundo, e para quem escolheu trilhar uma vida difícil, de piedade, pelo caminho estreito que leva à vida eterna” – Malafaia, Silas, Dois caminhos e uma escolha, Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2009.

A abordagem do Pr. Silas Malafaia, no livreto ‘Dois Caminhos e uma escolha’, possui traços de vários segmentos filosóficos, como ‘orfismo’ [\[2\]](#)[\[3\]](#), ‘estoicismo’ [\[4\]](#)[\[5\]](#), etc., pois segue o ideário de um movimento filosófico sincrético, o neoestoicismo, que amalgamou o estoicismo a uma doutrina pseudocristã, semelhante ao ensinamento que há na Didaqué dos Doze Apóstolos [\[6\]](#) e no escrito apócrifo Epístola de Barnabé. Ao abordar a parábola dos Dois Caminhos, como propositura de dois estilos de vida, o Pr. Malafaia anuncia um ‘evangelho’ essencialmente moralizante e se afasta da verdade proposta por Cristo.

“Didaqué c. 1-6, red in Die apostolischen Väter, ed. Karl Bihlmeyer (Tubinga, 1924). O mesmo tratamento extensivo dos ‘dois caminhos’ encontra-se na Epístola de Barnabé c. 18, ibid. Dado que certas diferenças na disposição do material em ambos os documentos tornam impossível derivar qualquer deles do outro, parece evidente que ambos provêm de uma fonte comum. Esta fonte parece ter sido um tracto judeu moralizador e, com efeito, a própria doutrina dos dois caminhos pouco ou nada tem a que se possa chamar especificamente cristão. O neopitagórico Pinax de Cebes (cf. a nota 19), que contém a mesma doutrina moral, prova sem qualquer dúvida que emana em última análise de uma fonte helenística, que não era nem judaica nem cristã” Jaeger, Werner, Cristianismo Primitivo e Paideia Grega, Edições 70, Lisboa/Portugal. (Nota de Rodapé), pág. 22.

Aqui fica um alerta! Antes de anunciar o que se depreende de

uma passagem bíblica, principalmente, quando se trata de parábolas, primeiro se faz necessário compreender a essência da exposição, para não incorrer no mesmo erro das pessoas que testemunharam falsamente contra Jesus, alegando que ouviram Ele dizer que destruiria o templo de Herodes e o reergueria em três dias.

“E, levantando-se alguns, testificaram falsamente contra ele, dizendo: Nós ouvimos-lhe dizer: Eu derrubarei este templo, construído por mãos de homens e, em três dias, edificarei outro, não feito por mãos de homens” (Mc 14:57-58);

“Jesus respondeu e disse-lhes: Derrubai este templo e, em três dias, o levantarei. Disseram, pois, os judeus: Em quarenta e seis anos foi edificado este templo e tu o levantarás em três dias? Mas ele falava do templo do seu corpo” (Jo 2:19-21).

Se não fosse o adendo explicativo inserido pelo evangelista João: *“Mas ele falava do templo do seu corpo”*, talvez, em nossos dias, muitos acreditassem que Jesus intentava destruir o templo de Herodes para reconstruí-lo em tempo recorde.

Um enunciado que contém enigmas, não será decifrado, facilmente, pela mente do homem natural. Isso se observa, quando Jesus alertou aos seus discípulos para terem cuidado com o ‘fermento’ dos fariseus e eles entenderam que Jesus estava censurando o fato de terem se esquecido de se provisionar de pão (Mt 16:7).

A má interpretação, acerca da parábola dos Dois Caminhos, contida no livreto, fica patente, se a ideia do Pr. Silas for confrontada com as Escrituras. A concepção de que cada indivíduo entrará por uma das portas (larga ou estreita) e, ao final, encontrará o seu destino: a perdição ou, a salvação, não se sustém, ante a verdade contida nas Escrituras.

Os qualificativos ‘estrito’ e ‘largo’, que acompanham a

figura da porta e do caminho, não tem relação alguma com 'conforto' ou 'desconforto', 'facilidade' ou 'dificuldade', até porque o apóstolo João esclarece que os mandamentos de Cristo não são penosos (1 Jo 5:3), ao passo que os mandamentos dos homens são descritos como fardos pesados e difíceis de suportar (Mt 23:4).

'Estreito' e 'largo' referem-se, somente, à quantidade de pessoas que entram pelas portas e estão nos caminhos: poucos e muitos. Se Jesus declarou que o seu jugo é suave e o seu fardo leve, como é possível o 'caminho estreito' ser um estilo de vida de dificuldades? (Mt 11:30) Que vida difícil há em entrar por Cristo, a porta que concede salvação e excelentes pastagens? (Jo 10:9)

A exposição do Pr. Silas contraria o anunciado por Jesus, que disse:

[“Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus”](#) (Jo 3:18).

Quando Jesus diz que, quem n 'Ele crê, não é condenado, significa que, ao crer em Jesus, o homem crente livrou-se da condenação. Mas, qualquer que não crê, já está condenado, o que significa que, antes de crer em Cristo, todos os homens entraram pela porta larga e estão em um caminho, cujo destino é a perdição.

O evangelho de Cristo apresenta uma realidade que difere da do pensamento do homem natural, que pensa ser necessário aos homens tomarem boas decisões hoje, para livrarem-se de uma condenação futura. Com base na verdade do evangelho, fica patente que o homem já está condenado por causa de uma ofensa no passado da humanidade, de modo que precisa de salvação hoje.

[“Pois, assim como, por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação, assim, também, por um só](#)

ato de justiça, veio a graça sobre todos os homens, para justificação de vida” (Rm 5:18).

Observe a argumentação paulina, de que o juízo já foi estabelecido para condenação, condenação esta que alcançou todos os homens. A verdade do evangelho é coerente, quando oferece salvação a quem já está condenado, diferentemente do pensamento do homem natural que, inconsistentemente, recomenda um estilo de vida, hoje, para o homem se livrar de uma condenação que ainda poderá ocorrer.

A abordagem do Pr. Silas dá a ideia de que cada pessoa, em um momento crucial da sua vida, terá que se decidir entre a porta larga e a porta estreita. Essa concepção é comum ao homem natural, que presume de si mesmo, que o que, faz em vida, ecoa na eternidade.

“Se pecares, que efetuarás contra ele? Se as tuas transgressões se multiplicarem, que lhe farás? Se fores justo, que lhe darás ou, que receberá ele da tua mão? A tua impiedade faria mal a outro tal como tu; e a tua justiça aproveitaria ao filho do homem” (Jó 35:6-8).

Jesus anunciou que, antes dos dois caminhos, há duas portas. As escolhas que os homens fazem, enquanto estão no caminho, não altera o destino dos caminhos, pois o destino não está atrelado ao homem, mas, ao caminho.

A Bíblia ensina que todos os homens entram pela porta larga, quando vem ao mundo, e estão em um caminho largo, que os conduzirá à perdição. Não está franqueado a nenhum homem escolher entre caminho largo e estreito, pois, ao entrar no mundo, entrou pela porta larga. Nenhum descendente de Adão teve a oportunidade de escolher entrar pela porta larga, visto que a porta larga é figura do nascimento natural.

Do mesmo modo que nenhum ser humano escolhe nascer, não é dada a oportunidade de escolher a porta larga. Enquanto a exposição de Jesus demonstra que a humanidade está sob a égide do

pecado, pelo fato de ter entrado no mundo, através de Adão, e que precisa decidir pela oferta de redenção em Cristo, a concepção humana é e que há a possibilidade de escolha entre dois caminhos.

A porta larga está para Adão, assim como a porta estreita está para Cristo, por isso mesmo Cristo é o último Adão.

“Assim está também escrito: O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante” (1 Co 15:45).

Certo é que Jesus lançou mão de uma linguagem simbólica, ao contar a parábola dos Dois Caminhos, mas, não para falar acerca de estilos de vida e, sim, apresentar, através de duas figuras: a porta larga e a porta estreita, respectivamente, o nascimento natural e o novo nascimento, e conseqüentemente o destino do caminho largo e do caminho estreito, figuras que remetem às pessoas de Adão e Cristo.

O Pr. Silas assinala que, escolher um estilo de vida de prazer, é atitude que marca quem preferiu entrar pela porta larga. Que matar, roubar, prostituir, idolatria, feitiçaria, iras, brigas, etc., são práticas de um estilo de vida de facilidades. Entretanto, a Bíblia denuncia religiosos que tinham um estilo de vida isenta dessas práticas e, mesmo assim, não foram aceitos por Deus.

“Esta linguagem metafórica e este simbolismo, usado pelo Mestre, assinalam o estilo de vida de quem escolheu uma vida de prazeres mundanos. Entre tantas outras, são estas as atitudes que marcam a vida de quem preferiu entrar pela porta larga: viver no pecado, amar o mundo, considerar Deus apenas um detalhe e estabelecer a sua própria escala de valores espirituais”. Idem, ibidem.

Um exemplo vê-se no fariseu, que foi ao templo e apresentou o seu estilo de vida, diante de Deus, dizendo:

“O fariseu, estando em pé, orava consigo desta maneira: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros; nem ainda como este publicano” (Lc 18:11).

Temos também o Jovem Rico, que disse:

“Tu sabes os mandamentos: Não adulterarás; não matarás; não furtarás; não dirás falso testemunho; não defraudarás alguém; honra a teu pai e a tua mãe. Ele, porém, respondendo, lhe disse: Mestre, tudo isso guardei desde a minha mocidade” (Mc 10:19-20).

O estilo de vida desses homens, segundo a religião judaica, era para assinalar que haviam entrado pela porta estreita, visto que escolheram trilhar uma vida difícil, seguindo os pesados preceitos dos seus pais.

Se a porta estreita diz de um estilo de vida, isso significaria que padres, freiras, monges, faquires, mestres orientais, gurus, etc., seguem por um caminho estreito? É claro que não!

Jesus se apresentou como a porta estreita, ao dizer:

“Eu sou a porta; se alguém entrar por mim, salvar-se-á, entrará, sairá e achará pastagens” (Jo 10:9).

Cristo se apresentou como o caminho, a verdade e a vida e não como um estilo de vida, de modo que só é possível salvar-se através d’Ele:

“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim” (Jo 14:6).

Quando Jesus apresenta a parábola das [Duas Portas e dos Dois Caminhos](#), não apresenta uma oportunidade de escolha, antes, dá uma ordem e apresenta dois motivos:

“[Entrai](#) pela porta estreita; [porque](#) [larga](#) é a porta e

espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que entram por ela; E porque estreita é a porta e apertado o caminho que leva à vida, poucos há que a encontram” (Mt 7:13-14).

Se Cristo é a porta estreita, como entrar por Ele? Nascendo de novo, de uma semente incorruptível, que é a palavra de Deus (1 Pe 1:23). Jesus disse que o que dá vida ao homem é o espírito e que as suas palavras são espírito e vida, por isso mesmo, Ele é o último Adão, espírito vivificante (1 Co 15:45).

“O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos disse são espírito e vida” (Jo 6:63).

Ao falar com Nicodemos, Jesus alertou que era necessário nascer de novo, da água e do espírito. É através do novo nascimento que o homem entra pela porta estreita, que é Cristo, o único meio de o homem estar em Cristo: o caminho que conduz a Deus.

O homem não escolhe entre dois caminhos, antes, precisa decidir-se entrar pela porta estreita, a única opção que livra da condenação do caminho largo. Nenhum homem escolhe entrar pela porta larga, pois é por meio dela que os homens têm acesso ao mundo. Basta nascer no mundo que o homem estará no caminho largo que o conduzirá à perdição.

O Salmo 1 apresenta os dois caminhos: “Porque o SENHOR conhece o caminho dos justos; porém, o caminho dos ímpios perecerá” (Sl 1:6), e a porta dos justos: “Esta é a porta do SENHOR, pela qual os justos entrarão” (Sl 118:20), o que pressupõe que há uma porta própria aos ímpios.

O homem natural pensa que as suas decisões definirão o seu destino e não atina que há duas portas. Por isso, o alerta do Pregador: “Há um caminho que ao homem parece direito, mas o fim dele são os caminhos da morte” (Pv 14:12). O homem sempre irá se decidir ao que lhe parece direito, mas,

inexoravelmente, o seu caminho é de morte.

A porta larga não se refere a um estilo de vida, não diz do pecado, nem diz de uma instituição ou, até mesmo, do diabo. Como a porta estreita diz de um homem – Jesus Cristo – o último Adão, a porta larga refere-se a outro homem: Adão. Qualquer ideia que destoe dessa verdade, conforme o anunciado por Cristo, deve ser rejeitada.

Por fim, para validar a ideia de que os dois caminhos tem relação com as escolhas dos homens e o estilo de vida que adotaram, o Pr. Silas Malafaia aponta para um suposto juízo final, quando os homens serão julgados e condenados. O Pr. Silas toma por base uma passagem bíblica que fala do julgamento das nações, como se fosse um texto que apresenta o julgamento de indivíduos.

“E quando o Filho do homem vier em sua glória e todos os santos anjos com ele, então se assentará no trono da sua glória; E todas as nações serão reunidas diante dele, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas; E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então, dirá o Rei, aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo” (Mt 25:31-34).

A Bíblia fala do juízo do Tribunal do Trono Branco, quando serão julgadas as obras dos filhos dos homens, mas, sabemos que todos que comparecerem ante o Tribunal do Trono Branco já estão condenados, com eterna perdição, e o que está em julgamento são as obras. No Tribunal do Trono Branco, não haverá julgamento, para verificar se alguém será salvo, do mesmo modo que o julgamento das nações, não decidirá quem será salvo ou não.

Interpretar, erroneamente, uma parábola, por causa da complexidade das figuras, símiles e enigmas contidos nela,

parábola, é até compreensível, o que não deixa de ser perniciosa a abordagem. Entretanto, citar um texto para validar uma ideia equivocada, como o evento em que Jesus julgará as nações, assim como um pastor separa os bodes das ovelhas[7], é peçonha cruel.

Correção ortográfica: Pr. Carlos Gasparotto

[1] *“O Senhor Jesus Cristo lançou mão de uma linguagem simbólica para nos falar sobre dois estilos de vida que marcam a trajetória de todo o ser humano: o da porta larga e o da porta estreita. Cada um de nós entrará por uma dessas portas, e encontrará seu destino: ou a perdição, ou a salvação”* Malafaia, Silas, Dois caminhos e uma escolha, Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2009.

[2] *“Um desses grupos era o dos chamados Pitagóricos, que pregavam o modo de vida ‘pitagórico’ e utilizavam como símbolo um Y, o sinal da encruzilhada em que um homem tinha de decidir o caminho a tomar, o bom ou o mau”* Jaeger, Werner, Cristianismo Primitivo e Paideia Grega, Edições 70, Lisboa/Portugal, pág. 21.

[3] *“Mas, de todos esses discursos, os mais estranhos são os que fazem acerca dos deuses e da virtude. Os próprios deuses, dizem eles, reservaram muitas vezes aos homens virtuosos o infortúnio e uma vida miserável, ao passo que concediam aos maus a sorte contrária. Por seu lado, sacerdotes mendigas e adivinhos vão às podas dos ricos e os convencem de que obtiveram dos deuses o poder de reparar as faltas que eles ou os seus antepassados cometeram, por meio de sacrifícios e encantamentos, com acompanhamento de prazeres e festas; se se quer prejudicar um inimigo por uma módica quantia, pode-se causar dano tanto ao justo como ao injusto, por intermédio das suas evocações e fórmulas mágicas, dado que, segundo afirmam,*

convencem os deuses a se colocarem a seu serviço. Em apoio a todas essas assertivas, invocam o testemunho dos poetas. Uns falam da facilidade do vício: Para o mal em bandos nos encaminhamos facilmente: ‘o caminho é suave e ele mora perto; mas diante da virtude os deuses colocaram suor e trabalho’. Os outros, para provar que os homens podem influenciar os deuses, alegam estes vemos de Homero: ‘Os próprios deuses deixam-se dobrar; e, pelo sacrifício e devota prece, as libações e das vítimas, a fumaça, o homem aplaca-lhes a ira quando infringiu as suas leis e pecou’. E produzem grande quantidade de livros de Museu e Orfeu, descendentes, dizem eles, de Selene e das Musas. Regulam os seus sacrifícios por esses livros e convencem não apenas os simples cidadãos, mas também as cidades, de que se pode ser absolvido e purificado dos crimes, em vida ou depois da morte, por intermédio de sacrifícios e festas a que chamam mistérios. Estas práticas os livram dos males do outro mundo, mas, se as desprezarmos, esperam-nos terríveis suplícios. Todos estes discursos, amigo Sócrates, e muitos outros que se fazem sobre a virtude, o vício e a estima que lhes dedicam os homens e os deuses, que efeito cremos que produzem na alma do jovem dotado de bom caráter que os ouve e é capaz, saltando de uma opinião para outra, de extrair daí uma resposta a esta pergunta: o que se deve ser e que caminho se deve seguir para atravessar a vida da melhor maneira possível?” Platão, A República.

[4] “Em tempos helenísticos, encontramos este ensinamento dos dois caminhos, que era evidentemente muito antigo (ocorre em Hesíodo, por exemplo), num popular tratado filosófico, O Pinax de Cebes, que descreve uma imagem dos dois caminhos encontrada entre as ofertas votivas de um templo”. Jaeger, Werner, Cristianismo Primitivo e Paideia Grega, Edições 70, Lisboa/Portugal, pág. 21.

[5] “estoicismo – fil doutrina fundada por Zenão de Cício (335-264 a.C.), e desenvolvida por várias gerações de filósofos, que se caracteriza por uma ética em que a

imperturbabilidade, a extirpação das paixões e a aceitação resignada do destino são as marcas fundamentais do homem sábio, o único apto a experimentar a verdadeira felicidade [O estoicismo exerceu profunda influência na ética cristã.]”

[6] “O catecismo cristão mais antigo, que foi descoberto no século XIX e se autodenomina a Didaqué dos Doze Apóstolos, oferece o mesmo ensinamento dos dois caminhos como essência da doutrina cristã, que combina com os sacramentos do batismo e eucaristia”. Jaeger, Werner, Cristianismo Primitivo e Paideia Grega, Edições 70, Lisboa/Portugal, pág. 22.

[7] “Todos temos o livre-arbítrio para escolher entre o bem e o mal, a morte e a vida, o gozo e o castigo eterno, o céu e o inferno. Um desses destinos se tornará palpável para cada um de nós quando, no juízo final, Cristo apartar salvos e condenados, como o pastor separa os bodes das Ovelhas”. Malafaia, Silas, Dois caminhos e uma escolha, Editora Central Gospel, Rio de Janeiro, 2009.